

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

Para Sempre

contos e poemas
de amizade e amor

Vol. X - Selo Conexão Literatura



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura**

ISBN: 978-65-02-10600-6

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- AS COISAS QUE PERMANECEM, POR ARLETE DE AMORIM, PÁG. 05
QUANDO O AMOR PERMANECE, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 09
A CORAGEM DE PERMANECER, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 11
SEMPRE ALI..., POR CRIS ROCHA, PÁG. 14
POLENTA LUXUOSA, POR EDSON LUIZ DA SILVA BRIATO, PÁG. 16
DE OLHOS FECHADOS, POR EMANUEL MÁXIMO DE MENEZES, PÁG. 18
ATRAVÉS DOS SEUS OLHOS, POR ISABEL BOEIRA, PÁG. 23
IMORTAL, POR IVANA T. SOUZA, PÁG. 28
SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA DO SOL, POR IZZY, PÁG. 30
SENTIMENTO VERDADEIRO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 34
ESTAÇÃO, POR RICARDO DE SOUZA BRAGA, PÁG. 36
DIRETO DA ALMA, POR RICARDO DE SOUZA BRAGA, PÁG. 38
O AMOR FALA POR SI, POR SELMA LUANNY, PÁG. 40
TANTO AMOR!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 42
A DEUSA DAS PEÔNIAS, POR VYTHOR BKOSQI, PÁG. 44
PACTO DE FOTOSSÍNTESE, POR ZÉL MORAES, PÁG. 48
A MULHER ESPELHO, POR ZÉL MORAES, PÁG. 52
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 56

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

Para Sempre

*contos e poemas
de amizade e amor*

Vol. X - Selo Conexão Literatura





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

AS COISAS QUE PERMANECEM

Por Arlete de Amorim

Arlete de Amorim, nasceu em Porto Velho, na Amazônia brasileira e reside atualmente em Coimbra, Portugal, após viver três décadas na Itália. A sua trajetória entre diferentes países e culturas influencia uma escrita marcada pela sensibilidade e pela observação das experiências humanas. Nos seus textos, explora temas como memória, identidade, afeto e transformação pessoal, através de uma prosa intimista e emocionalmente densa.

Quando Augusto conheceu Henrique, ambos tinham vinte e dois anos e a arrogante certeza de que a vida verdadeira ainda estava por começar. Como todo jovem, eles pensavam que tinham inaugurado o mundo.

Conheceram-se numa biblioteca universitária, numa tarde de chuva. Augusto procurava lugar para se sentar; Henrique ocupava uma mesa inteira com livros e café frio.

— Está ocupado? — perguntou.

Henrique olhou a sala vazia e respondeu:

— Fisicamente, não. Emocionalmente, talvez.

Augusto riu. Foi assim que começou.

A amizade deles nasceu de afinidades discretas: o mesmo humor seco, a mesma impaciência com superficialidades, a mesma mania de transformar qualquer conversa banal em debate filosófico. Durante anos, foram inseparáveis. Partilharam apartamentos apertados, empregos miseráveis, amores falhados e noites demasiado longas. Quando Augusto foi abandonado por uma mulher que jurava amá-lo, Henrique apareceu-lhe com duas garrafas de vinho e disse:

— Ninguém que te deixa merece o título de amor da tua vida.

Quando o pai de Henrique morreu e ele desapareceu durante dias, foi Augusto quem arrombou a porta do apartamento e o encontrou sentado no chão da cozinha, rodeado de silêncio. Não falou. Sentou-se ao seu lado. Ficou até amanhecer.

Era assim entre eles: nunca confundiram amizade com grandes discursos. Sabiam que, às vezes, amar alguém significa apenas permanecer. Depois, a vida fez o inevitável.

Henrique casou, mudou de cidade, teve filhos. Augusto tornou-se jornalista, viajou demasiado e colecionou relações curtas demais para lhe mudarem a alma.

Ainda assim, mantiveram-se. Telefonemas tardios. Mensagens absurdas. Jantares retomados como se o tempo não tivesse passado.

Porque certas amizades não dependem de proximidade; sobrevivem *in pectore*.

Vinte e cinco anos depois de se conhecerem, Augusto recebeu a chamada. Henrique tinha desmaiado no trabalho. Vieram exames. Esperas. Silêncios. Depois, o diagnóstico: tumor cerebral.

Augusto ouviu tudo sentado no chão da cozinha, enquanto a vida continuava obscenamente normal lá fora. Nos meses seguintes, reorganizou a própria vida. Cancelou viagens. Recusou trabalho. Passou fins de semana em hospitais onde o ar cheirava a antisséptico e resignação.

Henrique perdeu peso, cabelo, força. Mas não perdeu o humor.

— Se sobreviver a isto — dizia — vou processar todos os filmes sobre doenças terminais. Mentiram-nos descaradamente.

Augusto ria. Depois, ia chorar sozinho à casa de banho. Assistir ao desaparecimento de alguém que amamos é uma violência para a qual ninguém amadurece.

Numa noite de novembro, Henrique chamou-o para perto.

— Tenho medo.

Augusto segurou-lhe a mão.

— Eu sei.

Henrique fitou o teto.

— O pior não é morrer.

— Então o que é?

Virou o rosto para ele.

— É pensar que um dia vou desaparecer até das memórias.

Augusto apertou-lhe a mão.

— Não vais.

Henrique sorriu.

— Promete-me uma coisa.

— O que quiseres.

— Continua.

Augusto franziu o sobrolho.

— Continua a viver. Continua a escrever. Continua a apaixonar-te pelas pessoas erradas. Continua.

A voz de Augusto falhou.

Henrique murmurou:

— A pior forma de perder alguém não é quando essa pessoa morre. É quando parte dela morre contigo.

Morreu três dias depois. O funeral aconteceu numa manhã luminosa demais para combinar com a ocasião. Durante meses, Augusto viveu como um homem mal recomposto. Tudo lhe lembrava a ausência: as notícias que queria comentar, as piadas que só Henrique entenderia, os lugares onde ainda esperava vê-lo sentado.

Foi então que compreendeu: o luto não é uma ferida. É uma amputação. Aprende-se a viver sem o que foi perdido, mas nunca se esquece a ausência.

Um ano depois, a viúva de Henrique entregou-lhe uma caixa de madeira.

— Ele deixou isto para ti.

Dentro havia uma fotografia antiga dos dois numa praia e um envelope.

Augusto reconheceu a letra de imediato.

Abriu-o.

A carta dizia:

“Se estás a ler isto, significa que falhei em tornar-me imortal.

Lamentável.

Se estás demasiado triste, considera isto um puxão de orelhas póstumo.

A amizade nunca foi sobre impedir a perda.

Foi sobre tornar a perda significativa.

Se a minha ausência te dói, é porque a minha presença importou.

Obrigado por me teres dado isso.

Agora continua.

Henrique.”

Augusto leu a carta três vezes.

Depois chorou como não chorava desde menino.

E, pela primeira vez desde a morte do amigo, sorriu.

Nessa noite, voltou para casa e começou a escrever.

Porque algumas amizades recusam-se a terminar.

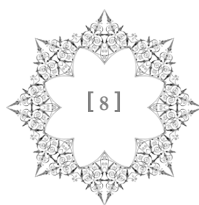
Persistem para além da voz, do corpo e do tempo.

Vivem nas frases que repetimos sem perceber, nos gestos herdados, na coragem que encontramos porque alguém acreditou em nós antes de nós próprios. É como diz o poeta: “a poesia está para o amor assim como a prosa está para a amizade.”

Talvez essa seja a forma mais duradoura do amor:

Não impedir que a morte venha.

Mas negar-lhe o direito à última palavra.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO O AMOR PERMANECE

Por Célia Lopes

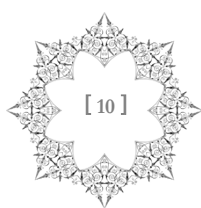
Célia de Fátima Lopes da Silva é escritora brasileira, autora de textos poéticos, crônicas reflexivas, parábolas de inspiração espiritual e livros prontos para publicação. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana e a busca pelo sentido da vida, abordando temas como amor, fé, saudade e consciência. Com linguagem delicada e profunda, procura tocar a alma do leitor e despertar reflexões sobre a existência. A autora acredita na palavra como instrumento de cura, esperança e transformação interior. Dedicar-se à literatura como forma de partilhar experiências, sentimentos e percepções sobre a caminhada humana.

O amor não é apenas encontro.
É também permanência.
É quando duas almas
aprendem a caminhar,
mesmo nas estradas difíceis,
mesmo quando o mundo
parece esquecer
a delicadeza das coisas simples.

Amar
é oferecer abrigo
quando o outro é tempestade.
É ser porto
quando o coração se perde no mar.

Há amores que passam
como estações breves.
Mas há aqueles
que se tornam eternidade
dentro de nós.

Porque o verdadeiro amor
não pede promessas grandiosas.
Ele apenas fica.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A CORAGEM DE PERMANECER

Por Célia Lopes

Célia de Fátima Lopes da Silva é escritora brasileira, autora de textos poéticos, crônicas reflexivas, parábolas de inspiração espiritual e livros prontos para publicação. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana e a busca pelo sentido da vida, abordando temas como amor, fé, saudade e consciência. Com linguagem delicada e profunda, procura tocar a alma do leitor e despertar reflexões sobre a existência. A autora acredita na palavra como instrumento de cura, esperança e transformação interior. Dedicar-se à literatura como forma de partilhar experiências, sentimentos e percepções sobre a caminhada humana.

O amor não começa no encontro —
começa no risco.

Naquele instante invisível
em que a alma decide
se atravessa o outro
ou recua para sempre.

Amar é um verbo sem garantias,
um salto sem chão,
um pacto silencioso
com tudo aquilo que pode dar errado.

E, ainda assim —
insistimos.

Porque há algo no amor
que desafia a lógica:
ele nasce mesmo depois da queda,
floresce entre ruínas
e aprende a respirar
dentro da ausência.

Amar é também perder.

É segurar com delicadeza
aquilo que não nos pertence,
é entender que o outro
não é morada —
é passagem.

E que algumas presenças
vieram apenas para nos ensinar
a ausência.

Mas há também o milagre.

O instante raro
em que dois silêncios se entendem,
em que dois medos se reconhecem
e, por um breve descuido do mundo,
decidem ficar.

Ficar —
mesmo sabendo.

Mesmo sabendo que o tempo
não negocia permanências,
que os dias são lâminas suaves
e que o para sempre
é apenas um acordo frágil
entre o agora e a esperança.

Amar, então, é isso:
um gesto de coragem
disfarçado de ternura.

É oferecer o peito
mesmo depois da tempestade,
é dizer “fica”
sem aprisionar,
é dizer “vai”
sem deixar de amar.

Porque, no fim —
o amor verdadeiro
não é o que dura para sempre,
mas o que, mesmo quando parte,
permanece.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SEMPRE ALI...

Por Cris Rocha

Cris Rocha é nordestina, de Maceió, Alagoas. Quase anciã. Viva e solar na sua solitude. Tem duas filhas e dois netos maravilhosos. Militante da saúde pública, sempre foi escriba de publicações técnicas. De uns tempos pra cá deu de colocar no papel vivências, sentimentos e sensações. O que tem lhe dado muito prazer ao perambular em novos rumos. É presença nas coletâneas Viva Poesia 2025 (Rituais) e Dossiê Eros Volume II (Presenças).

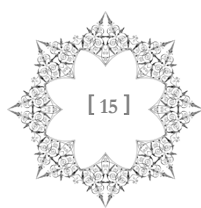
Estava por ali,
à espreita. Silente.

Na escuta, sempre trouxe o rasto do antigo, do que se foi.
Em momentos de magia, foi hino, louvação.
Foi pano de fundo. Trilha sonora.
Ocupou espaços de viveres, de querereres.
Foi segredo. Foi sagrado.

Na escuta, foi parte das turbulências.
Sempre ali, a ocupar um canto,
a olhar o contínuo do ir e vir.
Sempre ali...

Mesmo em viagens impensáveis, às vezes doloridas, mas prazerosas,
sentidas em pecados, em virtudes.
Estava por ali. Silente.

Não carecia de presença marcante ou barulhenta.
Seria mais vazio. Um talvez.
Mesmo no desvario daquela morte,
daquele morrer.
Sempre ali.
Sem perguntas.





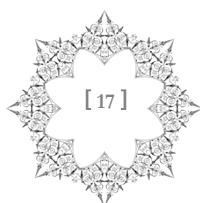
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

POLENTA LUXUOSA

Por Edson Luiz da Silva Briato

Edson Luiz da Silva Briato é licenciado em História, com especialização em Educação pela Pesquisa. Natural de Campo Bom, Rio Grande do Sul, o autor é um entusiasta da literatura e da poesia, tendo a polonesa Wisława Szymborska como sua poeta de maior inspiração e predileção.

Cilada é crer no "felizes para sempre"
que se apaga antes dos créditos subirem.
Recurso de tela, cenário frio e cenográfico,
fração de segundos de um brilho que não nutre.
O real — graças a Deus — é muito mais que isso.
O amor não precisa de trilha sonora orquestrada;
ele tem o som da colher batendo rápida,
firme, rendendo a farinha no fundo da panela.
O amor nasce no plano de um domingo comum:
"Vamos comer uma polenta com molho de frango?"
E na prontidão do outro que, de pronto, aceita o destino.
Ir ao mercado é a nossa procissão silenciosa.
Escolher a farinha: fina, média ou grossa?
Decidir o tempero é decidir como a vida se tempera.
Pois o amor, eu descobri, é como a polenta:
É denso, é firme, é absurdamente saboroso.
Sustenta o corpo e a alma em concha,
porque conversa direto com as nossas raízes.
Nas nossas panelas de ferro, o tempo não corre, apura.
Lembro de Adélia, com sua sabedoria de terra e espírito,
que nos avisou com a calma de quem já viveu:
"Não me falou de amor, essa palavra de luxo."
Ela sabia que o sagrado não veste seda.
O amor é o prato que a gente repete sem pressa,
é o fundo da panela que a gente raspa com gosto.
Sem luxo nenhum, mas que se torna
a coisa mais valiosa que possuímos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

DE OLHOS FECHADOS

Por Emanuel Máximo de Menezes

Emanuel Máximo de Menezes, nasceu em Várzea Alegre – Ceará, graduou-se em jornalismo pela UFCA, direito pela URCA e letras. Atualmente, é professor de língua portuguesa na cidade de Sento-sé, município baiano. Atuante no ensino de língua portuguesa e sua literatura, começou a fazer produções recentemente com o intuito de levar mensagens sociais de forma artística à sociedade.

Depois que Rosa completou quarenta anos, parecia que a vida a sufocava ainda mais. Não tinha conseguido um marido, não tinha filhos, morava sozinha com os seus gatos e trabalhava em uma escola infantil; vivia como se faltasse algo em sua vida. Como se não tivesse cumprido corretamente a lição de casa de existir.

Rosa aprendeu cedo que não eram somente as roupas que apertavam o seu corpo; o mundo também era pequeno demais para ela, pois estar acima do peso era estrangulador. Passou toda a sua história lutando contra a balança e, dessa guerra, sempre saía perdedora. A última tentativa foram as canetas emagrecedoras, vendidas como a solução de todos os problemas. Emagreceu muito, teve seus momentos de magra e, logo após, engordou tudo de novo.

A médica, ao invés de apoiá-la, jogou toda a culpa para Rosa: — Não tem como emagrecer se você não fizer dieta e exercícios, meu bem — falou a doutora, que vendia no Instagram fórmulas mágicas para emagrecimento e corpos perfeitos para o verão.

“Mas, se fosse fácil para eu fazer dieta e exercícios, eu não estaria procurando as canetas”, pensou Rosa.

Tentou novamente o protocolo da doutora, que postava em suas redes sociais que “o novo corpo do verão não era o corpo saudável, era o que parecia estar saudável”. Como garota-propaganda, usava a própria imagem, modelada por procedimentos e com massa muscular estimulada por hormônios. As seguidoras caíam na ratoeira do marketing, como ratinhos fáceis — aquela que cria uma necessidade para oferecer a solução, geralmente boa demais para ser verdade.

Rosa caiu como uma presa fácil, gastou rios de dinheiro novamente e, quando conseguiu o corpo que queria, pouco tempo depois engordou tudo outra vez. Agora estava diante do espelho, frustrada, achando-se a mulher mais feia do mundo, passando a mão pela barriga sobressalente, imaginando que jamais conseguiria um marido que a aceitasse daquele jeito: imperfeita. Em consequência disso, não teria filhos e, do outro lado dessa situação, estava a solidão, assustadora, ameaçando permanecer para sempre na vida de Rosa.

Saía na rua e via os outdoors, propagandas de lojas de roupa que usavam modelos perfeitas, como a doutora ditadora do corpo ideal. Olhava a rede social: todas as blogueiras estavam saradas, lipadas, hormonizadas, botocadas. Ligava a televisão: as apresentadoras e atrizes, as protagonistas, seguiam o mesmo sistema. Para onde olhava, a vida encontrava uma forma de jogar na sua cara que ela era inadequada.

Um dia, Rosa resolveu fazer um perfil em uma plataforma de relacionamentos. Conheceu um rapaz chamado Osvaldo. Encontraram-se, apaixonaram-se. Ele começou a choramingar, dizendo que estava devendo muito, que a mãe estava com câncer, que precisava comprar uma moto para trabalhar, que a vida estava complicada; por isso, não assumiria o relacionamento. Rosa, companheira, compassiva, esperançosa de casar-se e ter os seus filhos, formar a família tradicional, emprestou dinheiro a Osvaldo. Ele desapareceu e nunca mais deu notícias.

Depois, conheceu um homem mais velho em um bar, quando saiu com algumas amigas solteiras. Dessa vez, imaginou ter encontrado o homem ideal. Como era mais velho e sempre muito solícito, levando-a para jantar e bancando todas as despesas, pensou que não seria um golpista como o outro e entendeu que talvez a solução da sua solteirice, da sua solidão, da sua sentença de não maternidade, seria aquele homem. Viu que estava enganada quando o flagrou saindo do cinema com a esposa e duas filhas pequenas. Sentiu-se usada.

Dessa vez, ela desistiu. Em sua cabeça, a ideia de que era uma pessoa que não merecia viver o amor e tudo aquilo que ele acarreta tornou-se definitiva. A alma relaxou em um domingo, quando caminhava pela beira-mar. Nesse dia, recebeu um panfleto. Era um convite provocador. Nele estava escrito: “Refúgio dos solitários — um lugar para almas que caminham sós — Rua do Silêncio, número 125”.

Resistiu alguns dias em ir àquele lugar. Não queria aceitar que havia se entregado, que havia aceitado a derrota. Até que, em um sábado à tardinha, tomou coragem e foi.

O lugar era em um casarão antigo no centro da cidade. As reuniões aconteciam no quintal, um espaço arborizado, com cadeiras em círculo. Ela chegou tímida e, logo depois, apareceu um homem negro com deficiência visual, conduzido por um cachorro caramelo. O animal vinha farejando cada lugar por onde passava. Farejou, farejou, até que chegou perto de Rosa e cheirou as suas pernas. Parou; parecia ter gostado. Rosa ficou assustada.

O homem riu e tentou acalmá-la:

— Fique tranquila, ele não morde.

— Como você sabe que estou assustada? — perguntou ela.

— Eu sinto as pessoas — respondeu ele e sentou-se ao lado dela.

Naquele dia, muitos presentes desabafaram sobre suas vidas solitárias. Rosa percebeu que havia muitas formas de solidão. A daquele homem que estava ao seu lado era a solidão de viver no escuro, de não ter conseguido ninguém por causa da sua deficiência. Outra mulher falou: “sou sozinha porque sou negra, e poucos homens assumem mulheres negras”. Um idoso disse que era sozinho porque os filhos o abandonaram. Outra mulher disse que estava na solidão por ser prostituta: “tenho todos os homens na cama, mas, no final, não tenho nenhum”. Um homem disse que estava sozinho porque era gay: “os gays não pensam mais em casamento”. E um casal disse que estavam sozinhos apenas porque estavam: “vivemos juntos, mas é impossível fugir da solidão”.

Rosa ficou impactada com aqueles depoimentos e percebeu que não adiantava estar cheia de homens, ter filhos ou estar casada; sempre se sentiria sozinha.

Embalada nessa descoberta, conheceu Bráulio — o homem com deficiência visual — no final da reunião, quando todos permaneciam para tomar chá e café com biscoito. Lá, o cachorro o conduziu para perto de Rosa, mais uma vez, como se quisesse juntar os dois, como se soubesse que suas solidões eram compatíveis.

Bráulio convidou-a a ir à beira-mar tomar sorvete. Ela aceitou. Sentaram juntos na areia. A brisa era leve, o mar violento, o sorvete saboroso, a companhia agradável. Rosa observava o mar em sua imensidão e ficou curiosa sobre o que ele sentia naquele momento:

— Como é para você estar aqui e agora e não poder enxergar tudo que nos cerca?

— Para mim é como para você; a diferença é que vejo com outros olhos — respondeu ele, tocando no lado esquerdo do peito, e continuou: — Eu sinto a brisa, sinto o sorvete, sinto o mar e sinto você.

Ele tocou o rosto de Rosa como quem toca delicadamente um poema romântico em braile, tentando decifrar o que existia por trás daquele rosto sorridente. Sentiu que poderia

tocar a boca dela com seus lábios e, ali, sentados na areia da praia, as bocas se tocaram, atraídas por um magnetismo involuntário. Ele sentiu o beijo de Rosa com sabor de morango e os corações batendo acelerados, como uma sinfonia amorosa e violenta.

Rosa também fechou os olhos. Queria apenas sentir, como ele sentia, e decolar naquele voo junto a ele, como uma ave solta, com o vento tocando os cabelos e a brisa refrescando o rosto. E foi assim, quando o mundo se apagou, quando os olhares alheios se fecharam, que Rosa degustou os lábios carnudos de Bráulio e a liberdade que se apoderou de si, sentindo a presença dele, sentindo-se inteira, sentindo a liberdade de não ser observada, de não ser julgada: a liberdade de ser sentida, tocada, amada.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

ATRAVÉS DOS SEUS OLHOS

Por Isabel Boeira

Isabel Boeira é professora e escritora brasileira. Formou-se em Letras pela Unisinos (Brasil) e possui mestrado em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora (Portugal). Isabel publica textos no Brasil e nos Estados Unidos, dedicando-se à escrita de poesias, contos, romances e livros infantojuvenis.

Naquele outono, fui visitar vovô. Fazia tempo que não o via. A rotina agitada da cidade e as obrigações do trabalho me afastaram de seu convívio, mas o avançar dos anos fez-me refletir sobre a brevidade da vida e a urgência em reencontrá-lo.

Ele ainda morava no interior, numa cidade de três mil habitantes. Depois que vovó se foi, dividia a pequena casa com o cachorrinho Bilô e a companhia de seus velhos livros.

A última vez que o vi, estava sentado na varanda da frente e segurava um objeto nas mãos trêmulas.

— Quanto tempo, meu filho? — disse-me, com olhos surpresos e vívidos.

— Eu sei que estou sendo um mau neto, mas é que tenho trabalhado muito.

— Não tem problema... O importante é que hoje está com seu avô.

Sentei-me nos degraus do deck e o indaguei:

— O que é isso em suas mãos?

— É um álbum de fotografias antigas. Quando a saudade aperta o calcanhar da alma, eu me refugio nelas.

— Posso ver?

— É claro! — disse ele, alcançando-me o álbum.

Fui passando as fotos em preto e branco. Vez ou outra, perguntava:

— E quem é essa pessoa?

Vovô respondia, dando um breve relato biográfico. Chamou-me a atenção, porém, a sequência de imagens de um rapaz que eu não conhecia.

— E esse, quem é?

— É Albert. Aqui, havíamos terminado o ginásio. Nesta outra foto, estávamos no baile de formatura, rodeados de moças lindas.

— E a foto dele numa cama de hospital? Por que guarda esse registro? — perguntei, curioso.

Vovô suspirou, desviando o olhar para um ponto impreciso do céu. Depois, respondeu-me:

— Essa é a última foto que tenho de Albert.

— O que aconteceu com ele?

— Você deve ter percebido que, em todas as minhas fotografias quando jovem, estou segurando uma bengala, pois até os vinte e um anos eu era cego.

— Mamãe costumava falar-me disso... — lembrei.

— Pois bem. Eu não conhecia as cores, os rostos, o mar. Tudo o que eu podia fazer era ouvir os sons, as vozes e os sussurros. Os amigos, naquela época, eram os meus olhos, porque enxergavam por mim o que eu não conseguia e enchiam meus pensamentos com as mais ricas descrições dos ambientes e das pessoas. Um desses amigos, Albert, foi especial.

Continuei ouvindo com interesse, enquanto notava uma lágrima tímida escapar-lhe dos olhos. Vovô prosseguiu a exposição de suas memórias em detalhes, mas agora havia certa comoção em sua voz.

— Meu amigo era engraçado. Gostava de contar piadas e brincava: “Se a fulana se aproximar de você, fuja! Ela é feia e chata!”; “aquela garota é um pitel! Vá em frente!”. Eu ria, é claro. E, quando eu ficava desanimado por causa de minha condição física, ele tratava de me consolar: “Você ainda vai enxergar, eu prometo!”. Albert era jovem, mas sabia manter sua palavra. E ele a cumpriu sempre, até o fim.

Eu me interessava cada vez mais pela história e pelo personagem que até então desconhecia. Indaguei meu avô:

— Albert ainda está vivo?

— Em minha memória? Sim. Fisicamente, ele partiu em 1961. Nós éramos amigos desde a quinta série do primário, quando os pais dele se mudaram para a vizinhança onde eu morava com mamãe e papai. Naquela época, eu já tinha problemas de visão. Albert, contudo, nunca se importou com isso. Algumas crianças da escola caçoavam de mim, mas ele sempre me defendia. Rapidamente, tornamo-nos melhores amigos. Éramos, de fato, dois irmãos. Como se ele sentisse minha frustração, os meus anseios e o meu sonho impossível de ser como as outras crianças, cujos olhos funcionavam perfeitamente.

Quando tínhamos por volta de 21 anos de idade, ambos havíamos sido aceitos para cursar faculdade na capital. Estávamos animados. Nossas famílias, orgulhosas. Mamãe gostava do fato de Albert mudar-se comigo, pois, de certo modo, ele poderia cuidar de mim, ajudando-me em minhas limitações. E assim aconteceu. Foi na faculdade, inclusive, que conheci sua avó, dois anos depois.

Entretanto, nossos destinos foram abalados numa noite fria e chuvosa. Nós seguíamos de carro para o apartamento estudantil que dividíamos quando, numa curva acentuada, o veículo dirigido por Albert perdeu o controle e caiu numa ribanceira. Nós dois fomos socorridos por uma ambulância que, milagrosamente, vinha logo atrás. Eu sofri ferimentos graves nas costas e pernas, mas meu amigo teve um sério traumatismo craniano e ficou em coma por dias, até falecer. Eu já havia deixado a UTI quando recebi a devastadora notícia de sua partida. Foi sua mãe quem me contou não apenas sobre a morte de seu único filho, mas também quem me relatou seu último desejo.

— E qual era a vontade de Albert, vovô? — perguntei, envolvido pelo relato dramático.

— Que eu enxergasse a vida, meu filho. A mãe de meu amigo, apesar da irreparável perda, teve a humanidade e a nobreza de procurar-me e dizer que Albert considerava-me o seu irmão do coração e que faria de tudo para que eu alcançasse a cura. Pois ele fez: doou as córneas para que eu tivesse a chance de enxergar. Eu fui um dos primeiros transplantados do país, e o procedimento foi realizado com sucesso.

Naquele momento, eu olhava para os olhos de meu avô e podia compreender a emoção e o pesar que eles carregavam.

— Eu sinto muito! Ao mesmo tempo, alegro-me em saber que você viveu uma amizade tão verdadeira e sincera — disse a ele, tentando consolá-lo.

Vovô olhou mais uma vez a foto envelhecida e concluiu:

— Albert cumpriu a promessa de que eu veria todas as cores da vida. De certa forma, eu enxergo através dos olhos dele, e essa é a maior prova de amizade que alguém poderia dar. Em contrapartida, eu vivi intensamente, amei e fui amado, construí uma linda família, viajei e conheci lugares inesquecíveis. Assim, honrei o gesto e a memória de meu amigo, permitindo que ele continuasse vivo.

Vovô deixou-nos pacificamente naquele outono. E eu tenho certeza de que, em algum lugar, Albert e ele reuniram-se novamente para, enfim, desfrutarem da amizade inquebrável que os unia; para apreciar a idílica e exuberante visão dos campos, flores, lagos e pássaros, em dias intermináveis e perpétuos — aqueles que não morrem jamais.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

IMORTAL

Por Ivana T. Souza

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. Escreve contos, microcontos, poemas e poesias. É esperantista.

Contatos:

E- mail: ivana.souzat@gmail.com

Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)

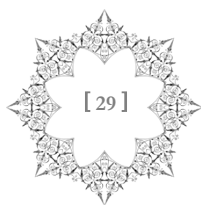
Para H.A.K Mendonça

Minha alma imortal,
embalada em nostalgia,
em agosto silêncio,
ama, espera e se refugia.

No âmago do coração,
sente amor divino e puro;
sentimento profundo,
muito além do fogo da paixão.

Como semente em solo fecundo,
que insta calor e luz, e como
pérola em concha escura, que,
no mar profundo, aguarda

a bênção da luz, o amor que
habita em meu coração também
anseia com ternura imortal
o amor imortal do seu divino coração.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA DO SOL

Por Izzy

Na casa dos vinte, Isabelle está em constante reconstrução. Entre gatinhos, animes, livros e doramas, encontra refúgio no que sente — e no que escreve.

Tem facilidade em transformar amor e amizade em palavras, usando a escrita como forma de compreender o que vive por dentro. Fora disso, divide seus dias com a rotina de um escritório, enquanto tenta construir algo que faça sentido.

eu sinto falta do meu **raio de sol**.

Dos nossos dias quentes e frios,
das contradições que *apenas nós entendíamos*.

eu sinto falta de ser a sua perdição.

De te ver completamente embriagado de mim,
de cada detalhe meu —

como se *eu fosse o eixo do seu mundo*.

Mas eu *sempre* escorrego,

arrancando pequenos pedaços seus
quase sem perceber, sem querer.

E aí você corre,

sem saber qual direção seguir —

ou talvez saiba e me queira atrás de você,
correndo para sentir que está sendo alcançado
ou se será ultrapassado.

Porque, coração,

eu estaria lá por você.

Nas horas mais difíceis,

nas suas noites mais sombrias e cinzas.

Eu serei sua amiga,

eu serei sua confidente,

***Alguém a te beijar até que te falte ar
e faça o mundo ao redor silenciar.***

Só que aí eu me pergunto,
com a inquietação cravada nos braços:
onde você estaria quando eu estivesse no meu pior momento?

Sentindo o mundo desabar sobre os meus pés,
nesse chão coberto de sangue e sussurros,
você me estenderia a mão?

Bom, você prometeu ficar.

Prometeu me esperar,
assim como eu prometi meu ser a você.

eu sinto falta do nosso encaixe.
De como somos peças improváveis do mesmo quebra-cabeça.

A sua voz como tom azul
nas noites alaranjadas,
transforma e beira a paz, algo surreal.

Você é irreal.

Absurdamente imaginável, illogicamente intocável.

Tão puro que chega a brilhar,
mesmo quando estou em ruína,
com fuligem nos ombros,
sangue nas mãos,
amarras nos pés —
você ainda sorri para mim.

eu sinto falta dos nossos sentimentos.

Não apenas dos corpos,

mas da essência.

Tudo aquilo em que acreditamos, mas não vemos.

Mas, coração,

eu volto a me questionar:

onde você estaria quando eu estivesse no meu pior momento?

Quando me olhar no espelho e não reconhecer mais a pessoa ali?

Você estaria aqui?

Para nos quebrar juntos,

para nos refazer juntos,

e até para nos salvar juntos?

eu sinto falta do meu **raio de sol**.

Tanta falta que meu peito queima,

meu ar falha.

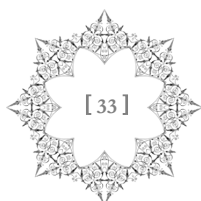
O meu mundo perde o eixo

me deixando à deriva.

E ainda assim —

céus,

eu ainda nem te encontrei.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SENTIMENTO VERDADEIRO

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

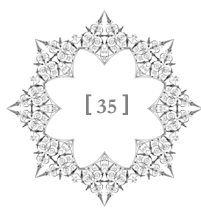
Amizade é um amor que nunca se apaga...
Floresce nos campos do coração aberto.
É um laço eterno, sem amarras a prender,
que se estende além do tempo e do espaço.

Amor é união de almas que se encontram
em muitos sorrisos partilhados e lágrimas.
Nas pequenas alegrias do nosso cotidiano,
em silêncios que falam mais que palavras.

O bom amigo é um bem-querer que se tem,
um tesouro mais precioso que ouro ou prata.
É presença constante, mesmo na ausência,
um pilar firme que sustenta nos dias de dor.

Nessa relação sempre ampla e irrestrita,
onde o amor não mede, sequer se limita,
o coração, aberto ao outro, total se revela,
e a amizade floresce como uma linda flor.

Valioso é o amor que ao lado sempre fica,
quando há tempestade ou em dias de sol.
É a âncora que firme prende à realidade
e nos faz sentir que nunca estaremos sós.





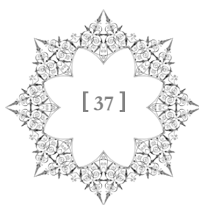
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ESTAÇÃO

Por Ricardo de Souza Braga

Ricardo de Souza Braga é amante de literatura e cinema. Escreve para não enlouquecer. Vasculha na alma cada palavra e, quando as encontra, liberta-as para que possam voar ao universo.

Você consumiu meu fôlego, olhou o céu e sorriu. Quem disse que não viu? Aventurada, estendeu os braços numa imponência desmesurada. Você me olhava. Naquele momento, pus-me a abraçá-la, buscando sentir o mundo à minha volta. Contra o mar revolto, teu beijo me consola. Aterrisso em teu corpo esguio, morada sacrossanta a preencher meu vazio. No sol ameno da primavera, deixou-se aquecer por inteira; acendeu outra chama que a alma minha reverbera. Disseram-me que seria ilusão, pobre do poeta que lutaria em vão. Hoje, desembarcamos, juntos, numa nova estação.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

DIRETO DA ALMA

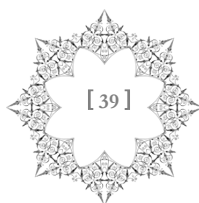
Por Ricardo de Souza Braga

Ricardo de Souza Braga é amante de literatura e cinema. Escreve para não enlouquecer. Vasculha na alma cada palavra e, quando as encontra, liberta-as para que possam voar ao universo.

E foi subindo
pelo degrau
das palavras,
conduzido por ideias
vindas da alma.

Quis beijar o céu azul
da manhã de outono,
sentiu a brisa morna
tocar-lhe os lábios,
viveu a paz por um instante.

Longe, o doce semblante
do amor nunca esquecido
trouxe consigo um desejo infinito,
apogeu sem declínio,
palavras sem fim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O AMOR FALA POR SI

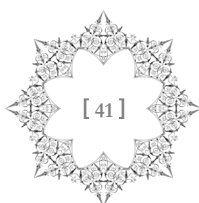
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Não é preciso defini-lo...
ou tentar exibi-lo por falas
— travestidas, às vezes...
vazias, quantas vezes!

O amor... o vero e sublime
é ação... é atitude... é doação...
De palavras não necessita,
se não forem coadjuvantes.

Elas só têm valor quando, à ação,
sem vanglória, acrescentam...
Pois o genuíno ato de amar
contém toda a rutilância do ser.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TANTO AMOR!

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

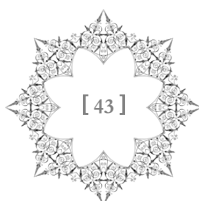
Fico a comparar...

inocentes com conhecedores,
pueris com os ditos “calejados”,
verdadeiros com enganosos,
íntegros com farsantes...

E o humano amor, entre extremos,
a navegar... às vezes em sereno
lago... às vezes em mar revolto,
frutífero, quando cultivado,
estéril, quando desconsiderado.

E, no imparável redemoinho
de incontáveis desencontros,
de prioridades às avessas,
de viver sem horizontes...
o tardio torna-se irrecuperável.

Seria preciso entender o amor...
sublimá-lo... protegê-lo e, mesmo,
a ele consagrar-se... antes que
manchas do tempo tornem
irrecuperável a bela tela.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A DEUSA DAS PEÔNIAS

Por Vythor Bkosqi

Vítor é um poeta que mescla a escrita clássica com assuntos contemporâneos. Seus poemas focam mais no existencialismo e em críticas ácidas voltadas para a sociedade.

Na escuridão do rio Aqueronte,
quis abdicar da eterna solidão.
Senti que meu real horizonte
era afogar-me até a dissolução.

Minha frágil visão tornou-se cega
pelos amplos anos de abandono.
Mas, na hora da minha rija queda,
percebi a chegada do outono.

Aceitei que ninguém me salvaria,
porque sempre fui um dissimulado.
Mas, no decurso das águas, eu via
uma fulgência surgir ao meu lado.

Tal lume puxou-me para as margens,
sugando-me o oceano dos pulmões.
Consertou as minhas engrenagens
e aproximou-se sem más intenções.

Ao reaver a visibilidade,
encontrei-me então fascinado.
Enxerguei intocável beldade
naquela que havia me salvado.

Envolta em infindas peônias,
vi a deusa mais bela do norte.
Sua graça levou a acrimônia
do plano da sombra e da morte.

Seus belos olhos detêm o fulgor
que da minha alma apaga o breu.

Este brilho crema todo o algor,
incendiando o meu frágil eu.

Seu mélico sorriso admirável
torna-a realmente radiante.
E minha conjuntura deplorável,
diante de ti, é insignificante.

A ternura da sua amável voz
afastou todos os meus demônios.
Impediu-me de ser o meu algoz,

frustrando a oblata dos Ctônios.
Livrou-me de um destino feroz
e de uma psique em pandemônio.

A sua inconfundível presença
abraçou-me com braços castos.
Porque fugi da terrível sentença
de portar um coração em pedaços.
Tu abranges todas as provenças,
pois estás em tudo que sou e faço.

Nunca estive desacompanhado,
só não estava pronto para vê-la.
Precisei parar de ficar acordado

para finalmente comigo tê-la.
Não me sinto mais abandonado
e desejo para sempre mantê-la.

Permita-me, então, deusa adorável,

provar de teus doces beijos e abraços.

Tua maravilhosidade é inefável

e faz-me venerar-te aos entrelaços.

Responda-me, então, beldade afável:

quando a segurarei em meus braços?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PACTO DE FOTOSSÍNTESE

Por Zél Moraes

Zél Moraes é professora do Ensino Fundamental I e escritora. Estudou Psicologia, Pedagogia e Psicopedagogia pela UEM e é especialista em Gênero e Diversidade na Educação pela UFPR, além de Autismo e Educação Especial. Na sala de aula e na escrita, cultiva a escuta do cotidiano e das pulsações humanas. Sua poesia nasce do encontro entre educação, sensibilidade e vida comum. Escreve como quem recolhe instantes e os devolve ao mundo em forma de palavra. Para ela, o tempo também pode dançar dentro das frases.

O girassol
era dependente.
Não por escolha romântica,
mas porque acreditou
que viver era seguir
o que brilha mais alto.

Apaixonou-se pelo sol
com um amor absoluto,
pacto de fotossíntese,
eterno,
desmedido,
sem contrato de volta.

Girava o corpo inteiro
para caber no dia dele.

Torcia o caule,
esticava a alma,
aprendeu a chamar de amor
o esforço contínuo de não se perder,
prendendo-se aos raios dele.

O sol,
radiante,
magnífico,
indiferente,
nascia todos os dias
sem perceber quem o seguia.

Aquecia o mundo inteiro
e chamava isso de generosidade.

Mas não via
a flor cansada
de girar sozinha.

O girassol confundiu luz
com reciprocidade.
Confundiu calor
com cuidado.
E chamou de paixão
o que era dependência emocional da claridade alheia.

Até que, um dia,
aquele que sempre chega,
silencioso, sem cena,
o girassol parou.

Não por falta de amor,
mas por excesso de si.

Descobriu que amar o sol
não exigia desaparecer.
Que luz demais também queima.
Que até a flor mais amarela
precisa de sombra para existir.

Hoje,
o sol continua indiferente.
Radiante.
Distante.

E o girassol?
Nutriu-se de vida.
O girassol aprendeu

a ficar de pé
sem girar.

Apaixonado ainda pela luz?

Sim,
mas fiel a si.

Porque amor que exige torção

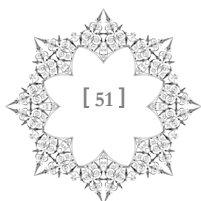
não é sol:

é eclipse.

E flor nenhuma nasceu

para viver

de costas para si mesma.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A MULHER ESPELHO

Por Zél Moraes

Zél Moraes é professora do Ensino Fundamental I e escritora. Estudou Psicologia, Pedagogia e Psicopedagogia pela UEM e é especialista em Gênero e Diversidade na Educação pela UFPR, além de Autismo e Educação Especial. Na sala de aula e na escrita, cultiva a escuta do cotidiano e das pulsações humanas. Sua poesia nasce do encontro entre educação, sensibilidade e vida comum. Escreve como quem recolhe instantes e os devolve ao mundo em forma de palavra. Para ela, o tempo também pode dançar dentro das frases.

Narciso não se apaixonou por ela.
Ele a reconheceu,
como quem encontra, fora do corpo,
aquilo que sempre cultivou dentro.

Ela surgiu lisa, polida,
com o brilho exato de um reflexo.
Não falava alto,
não ocupava espaço,
não atravessava o ar com vontades próprias.
Era perfeita.

Narciso a tomou pelo braço
e a apresentou ao mundo,
como quem exhibe um troféu raro:
“Vejam”, dizia o gesto,
como sou amado.

Ele a conduzia pelos salões,
pelos espelhos dourados,
pelos ambientes onde sua imagem
poderia se multiplicar.

Ela sorria,
não porque sentia,
mas porque sorrir era o reflexo esperado.

Ele a elogiava longamente:
sua inteligência,
seu gosto refinado,
sua sensibilidade incomum.
Tudo nele.
Tudo dele.

Cada palavra era uma semente lançada
num solo que não resistia.
E ela florescia exatamente
na forma do desejo de Narciso.

Ela gostava do que ele gostava.
Sonhava o que ele sonhava.
Desejava o que ele desejava.
Era confortável amar alguém
que nunca surpreende.

Mas, às vezes,
às vezes o espelho falha.
Um gesto torto.
Uma sombra no olhar.
Uma pergunta fora do script.
Um traço que não pertence à imagem ideal.

E então Narciso se via,
não como queria,
mas como era.

O rosto dele se contraía.
A admiração cedia lugar à ira.
E o espelho devolvia o mesmo rosto zangado,
sem filtro, sem perdão.

A mulher-espelho, ao ver o reflexo ferido,
acreditava ser culpada.
Punha-se em silêncio.
Apagava-se.
Polia-se outra vez.

“Desculpa”, dizia, sem voz.
“Vou refletir melhor.”

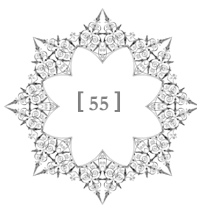
E Narciso voltava a sorrir,
porque sua felicidade
dependia apenas disso:
não ser contrariado pela própria imagem.

Ele não queria amor.
Queria continuidade.
Queria permanência.
Queria um reflexo
que nunca ousasse ser fonte.

E ela permaneceu ali,
de braços dados,
existindo apenas enquanto devolvia.

Até o dia, inevitável dia,
em que o espelho cansou de ser superfície
e começou a sentir
o peso de não existir.

Mas essa parte
Narciso nunca viu.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO
CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

CLIQUE AQUI